



V SINGEP

Simposio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

Estamos formando empreendedores? Um estudo sobre o perfil empreendedor de discentes de graduação em administração

DÉBORAH LUIZA MARCON

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
marcon.atacado@gmail.com

GILMAR RIBEIRO DE MELLO

gilmarribeirodemello@gmail.com

SANDRA MARIA COLTRE

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
sandracutu1@gmail.com

LIRANE ELIZE DEFANTE FERRETO DE ALMEIDA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
lferreto@hotmail.com



V SINGEP

Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

ESTAMOS FORMANDO EMPREENDEDORES? UM ESTUDO SOBRE O PERFIL EMPREENDEDOR DE DISCENTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Resumo

Para enfrentar os desafios demandados pelo atual contexto de mudanças, o empreendedorismo pode ser visto como uma opção promissora de inserção de trabalho e desenvolvimento de economias regionais e nacionais. O empreendedor possui múltiplas características que compõem seu perfil e atua de uma forma dinâmica e voltada para colher resultados dos seus esforços pessoais. Neste sentido, as instituições de ensino são responsáveis pela formação do profissional, e a criação de uma cultura, que possibilite tornar o empreendedorismo uma realidade entre os estudantes. Esta pesquisa tem por objetivo verificar o perfil empreendedor dos discentes de graduação em administração de duas Instituições de ensino superior da cidade de Francisco Beltrão – Paraná. Realizou-se uma pesquisa de abordagem quantitativa e descritiva. Aplicou-se um questionário validado, junto a 117 alunos. Utilizou-se a análise de conglomerados (*Clusters*), Hierárquico e não Hierárquico. Os resultados encontrados permitiram distinguir diferentes grupos de alunos e assim validar o perfil empreendedor dos mesmos, gerando conhecimento relevante para os gestores dos cursos das instituições de ensino pesquisadas, visando oferecer subsídios para que direcionem o processo de formação de uma cultura empreendedora nas instituições.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Perfil Empreendedor. Instituições de Ensino Superior.

Abstract

To face the demanding challenges of the current ever-mutating context, entrepreneurship can be seen as a promising option for work insertion and economic development regionally and nationally. The entrepreneur possesses several characteristics that compose its profile, and acts dynamically, directed to collecting results of its own personal efforts. In this regard, the educational institutions are responsible for the professional's training and the creation of a culture that enables turning entrepreneurship into reality among students. This research aims to verify the entrepreneur profile of students at two business schools in the city of Francisco Beltrão – Paraná. A quantitative and descriptive research was conducted. Making use of a verified survey, applied to 117 students. The hierarchical and non-hierarchical methods of cluster analysis were used. The results found allowed to distinguish different groups among the students, thus validate their entrepreneur profile. Generating relevant knowledge for the managers of the business schools studied, aiming to offer them subsidies to channel the process of creating an entrepreneur culture in the educational institutions.

Key words: Entrepreneurship. Entrepreneur profile. Educational Institutions.



1 Introdução

Transformar o aprendizado de empreender, na arte de gerar resultados concretos, é um dos desafios enfrentados pelos empreendedores. Os empreendedores impulsionam a economia, provendo novos bens de consumo e inovadores métodos de produção (Schumpeter, 1982; Drucker, 1996). O empreendedor desempenha diferentes papéis, que consistem em criar ou renovar um sistema organizacional (Filion & Lima, 2009). Na era do conhecimento, o potencial inovador, uma das características do comportamento empreendedor, é apontado como uma habilidade de sobrevivência no mercado, o qual é caracterizado por constantes mudanças. Nesse contexto, as organizações exigem conhecimentos e habilidades que possam antever o futuro e criar caminhos e possibilidades (Coto, Moretto & Pacheco, 2009).

Nesse processo, já é comprovado que, tanto a família, quanto a escola exercem uma papel de extrema importância. Afinal, essas duas instituições são responsáveis pela formação do indivíduo (Coto, Moretto & Pacheco, 2009).

Das várias funções realizadas pelas universidades na sociedade atual, a que mais se destaca é a qualificação dos discentes para a prática de uma atividade profissional, que, por sua vez, deve satisfazer as demandas do capital humano requerido pelo setor produtivo, a fim de contribuir para o bem-estar socioeconômico e o desenvolvimento sustentável da região (Lanero *et al.*, 2011).

As universidades, são criadoras e disseminadoras de conhecimento. O qual se mostra necessário por permitir a unificação de iniciativas hoje isoladas, a busca por financiamento de projetos estratégicos, a definição e implantação da política de empreendedorismo e inovação da instituição, e a consolidação de estrutura administrativa capaz de dar suporte às demandas de ensino, pesquisa e extensão (Casado, Siluk & Zampieri, 2012).

No Brasil a maior parte dos jovens empreendedores são auto empregadores, empregam poucas pessoas em seus negócios e com pouca estrutura para enfrentamento de riscos, além de baixo índice de escolaridade, entre outros fatores, encaminham o negócio no sentido de uma probabilidade maior de fracasso, assim destaca-se que o apoio e a sustentabilidade do jovem empreendedor dependem do contexto geral e de políticas educacionais (Bulgacov *et al.*, 2011).

Nesse cenário, ganha importância a existência de instrumentos que mensure de forma confiável o potencial, as características e o perfil dos futuros empreendedores. Tais instrumentos podem ser utilizados por escolas, centros de treinamento e incubadoras (Santos, 2008). A identificação do potencial empreendedor é importante, ao ponto que, pode também, encorajar novos empreendedores. Um bom local para instigar potenciais empreendedores é a universidade (Frese & Rauch, 2002).

Apresentada a relevância da temática, surge a seguinte questão de pesquisa: Qual é o perfil empreendedor dos alunos da graduação de administração de duas Instituições de Ensino Superior de Francisco Beltrão – Paraná? A pesquisa justifica-se pelo fato de que essa análise pode contribuir para a discussão sobre como estimular o comportamento empreendedor dos jovens dentro das universidades, os quais, ao optarem pelo empreendedorismo, podem contribuir para o desenvolvimento da região.

Nesse contexto, esta pesquisa tem por objetivo verificar o perfil empreendedor dos alunos da graduação em administração de duas Instituições de Ensino Superior da cidade de Francisco Beltrão – Paraná.

Para tal propôs-se realizar uma pesquisa de abordagem quantitativa e espera-se com esses resultados a possibilidade de traçar políticas educacionais de estímulo ao desenvolvimento do empreendedorismo.



2 Empreendedorismo

Mesmo que para muitos, o campo de pesquisa do empreendedorismo seja relativamente novo, os pensamentos pioneiros sobre o tema se iniciaram há várias décadas. O primeiro a oferecer uma maior clareza no entendimento da função empreendedora foi Cantillon (c.1680-1734) (Filion, 1999). Um elemento de importância, presente no pensamento de Cantillon, é o risco assumido pelo empreendedor. Estar disposto a assumir riscos, ainda hoje, é um fator muito estudado nesse campo, por ser considerada uma característica importante de quem é empreendedor (Santos, 2008).

Nesta concepção, a motivação, que gera a inovação e a mudança, deriva de características pessoais. Mas é na abordagem comportamental de McClelland (1961) que vai introduzir tais preocupações no centro de uma teoria do empreendedor, ao analisar as características psicológicas que predisõem um indivíduo ao empreendedorismo (Vale, 2014). David McClelland (1917-1998), com seu trabalho *The Achievement Society* de 1961, é considerado o precursor da corrente comportamentalista no empreendedorismo (Filion, 1999). O autor investigou a relação entre o desenvolvimento das nações, a necessidade de realização de seu povo e o empreendedorismo através de diversas pesquisas empíricas em alguns países do mundo. Depois de McClelland muitas outras pesquisas foram realizadas para identificar traços e características de empreendedores (Santos, 2008).

A definição de empreendedor utilizada neste trabalho é adaptada de Santos (2008), que desenvolveu uma escala de potencial empreendedor a partir de trabalhos de McClelland. Assim, o autor apresenta a ideia de que as pessoas possam possuir diferentes níveis de potencial empreendedor. O potencial empreendedor é definido como o potencial formado por características pessoais que são propícias à abertura e à manutenção do sucesso de um empreendimento.

2.1 Fatores Comportamentais

Em 1961, McClelland iniciou seus estudos sobre o tema do empreendedorismo, onde a motivação pela realização conjugada com as dez características do comportamento empreendedor, chamados de CCE's, que são os fatores essenciais para o crescimento econômico dos indivíduos e contribuem para explicar a aparente indiferença de muitos e a sensibilidade de poucos para oportunidades econômicas que se apresentam no ambiente (McClelland, 1961).

Santos (2008) desenvolveu um modelo para avaliar o perfil empreendedor de pessoas que ainda não são empreendedores, a partir dos trabalhos de McClelland. O modelo foi construído inicialmente com doze características associadas, porém o modelo final é constituído de nove características, conforme a Figura 1.

CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
OPORTUNIDADE	Mostrar que dispõe de senso de oportunidade, ou seja, está atento ao que acontece à sua volta e a partir daí, ao identificar as necessidades das pessoas ou do mercado, ser capaz de aproveitar situações incomuns para iniciar novas atividades ou negócios.
PERSISTÊNCIA	Capacidade de manter-se firme na busca do sucesso, demonstrando persistência para alcançar seus objetivos e metas, superando obstáculos pelo caminho.
EFICIÊNCIA	Capacidade de fazer as coisas de maneira correta e, caso seja necessário, promover rapidamente mudanças para se adaptar as alterações ocorridas no ambiente. -



	Capacidade de encontrar e conseguir operacionalizar formas de fazer as coisas melhor, mais rápidas e mais baratas.
METAS	Capacidade de mostrar determinação, senso de direção e de estabelecer objetivos e metas definindo de forma clara aonde pretende chegar. - Capacidade de definir rumos e objetivos mensuráveis.
INFORMAÇÃO	Disponibilidade para aprender e demonstrar sede de conhecimentos. - Interesse em encontrar novas informações em sua área de atuação ou mesmo fora dela. - Estar atento a todos os fatores, internos e externos, relacionados à sua organização/empresa.
PLANEJAMENTO	Disponibilidade para planejar suas atividades definindo objetivos. - Capacidade de planejar detalhando tarefas. - Ser capaz de atuar com o planejamento, a execução e o controle. - Acreditar na importância do planejamento.
CONTROLE	Capacidade de acompanhar a execução dos planos elaborados, manter registros e utilizá-los no processo decisório, checar o alcance dos resultados obtidos, e de realizar mudanças e adaptações sempre que necessário.
PERSUAÇÃO	Capacidade de convencer e motivar pessoas, liderar equipes e estimulá-las usando as palavras e ações adequadas para influenciar e persuadir.
REDE DE RELAÇÕES	Capacidade de criar rede de relações e de pôr-se em contato com pessoas-chaves que possam auxiliar no alcance de seus objetivos. - Capacidade de atuar desenvolvendo e mantendo redes de relações comerciais ou não.

Figura 1. Características empreendedoras.

Fonte: Adaptado de Santos (2008).

No que diz respeito ao potencial e às intenções empreendedoras dizem Krueger Jr e Brazeal (1994, p. 91) que “antes de haver empreendedorismo é preciso haver potencial para isso”. Entende-se também que ter potencial é apresentar traços ou características de personalidade similares à de pessoas que obtiveram sucesso no tipo de atividade objeto do interesse, sendo que empreendedores possuem características diferentes, quando comparados com o restante da população (Mueller & Goić, 2002).

2.2 Fatores Sociodemográficos

De acordo com Shapero (1971) além das variáveis comportamentais, como os traços da personalidade, os elementos de natureza sociodemográfica, idade, sexo, origem, experiência profissional anterior, a formação acadêmica em conjunto com a área científica, formam a intenção empreendedora que influencia na criação de novas empresas.

A literatura apresenta argumentações de que é possível perceber a congruência entre determinadas variáveis referentes aos antecedentes pessoais e o comportamento empreendedor (Stanworth *et al.*, 1989). Dessa forma, Dolabela (1999) afere a existência de três níveis que formam as relações entre aprendizagem e empreendedorismo: o nível primário tem como modelo a família e conhecidos; o secundário tem as redes de ligações e o terciário é por meio de formação continuada e aprimoramento pessoal e intelectual. O nível primário faz referência à existência de uma fonte de inspiração e aprendizagem para o empreendedor, que é corroborada por Dolabela (1999) ao definir o empreendedor como ser social, produto do meio em que vive. Para emergir no ambiente do empreendedorismo é fundamental seguir pessoas como modelo para repassar as experiências exitosas ou deficitárias (Greatti *et al.*, 2010).

Estudos relacionados à propensão a empreender destacam o gênero como um dos fatores determinantes. Suportando esta afirmação apresenta-se uma extensa literatura enumerada por Matthews e Moser (1996). Outros estudos, como os de Jonathan (2003), Machado (2003), Silveira e Gouvêia (2008), visam aprofundar a compreensão da dimensão do gênero no contexto do empreendedorismo e buscam respostas sobre as semelhanças e diferenças existentes entre os empreendedores. Ainda pouco se pode afirmar sobre essas diferenças, e o que se observa



nesses estudos são: o perfil dos empreendedores, algumas de suas preferências, estilos de gestão e barreiras e dificuldades enfrentadas.

Outro fator de influência na propensão a empreender, que as pesquisas revelam, é a existência na família de pessoas que possuem negócios por conta própria. Em particular, a atividade exercida pelo pai e pela mãe é considerada chave na opção pelo negócio próprio (Matthews & Moser, 1996).

No contexto da educação, o desempenho acadêmico é visto como o grau de conhecimento e desenvolvimento de habilidades em um determinado nível educacional de um determinado indivíduo (Golveia *et al.*, 2010). De acordo com Parente *et al.* (2011), atendendo a este desafio foram implementadas várias políticas educacionais em diversos países do mundo, promovendo o ensino empreendedor.

2.2 Ensino superior, jovens e empreendedorismo

Barreto (1999) questiona se, em nível mundial, o atual sistema educacional promove a formação da cultura empreendedora, pois um grande número de educadores reconhece que o atual sistema de ensino põe muita ênfase na aquisição de conhecimento e pouco enfoque é dado no desenvolvimento de habilidades específicas para o uso prático desses conhecimentos. Dessa forma, o indivíduo deve desenvolver um novo estilo de aprender, no qual profundos aspectos do seu próprio ser, emoções, crenças e valores, estão influenciando os processos de aprendizado.

O trabalho de Lili (2011) teve por objetivo revisar a literatura relativa à educação empreendedora e identificar a temática em faculdades chinesas e americanas, sinalizando como medidas importantes para a eficiência do processo: reforçar a formação do professor por meio de treinamento; a formação de equipes empresariais e consultorias; e o desenvolvimento da pesquisa sobre o empreendedorismo.

A pesquisa realizada por Bulgacov, *et al.* (2011) evidenciou a trajetória do jovem brasileiro (18-24 anos) no empreendedorismo no período de 2001-08. Com base em dados da Pesquisa GEM, analisou a participação do jovem empreendedor da América Latina e do Brasil (Brasil, Rússia, Índia e África do Sul), os resultados alcançados possibilitaram verificar que no Brasil a maior parte dos jovens são auto empregadores, empregam poucas pessoas em seus negócios e com pouca estrutura para enfrentamento de riscos, além de baixo índice de escolaridade, entre outros fatores, encaminham o negócio no sentido de uma probabilidade maior de fracasso. Por outro lado, os jovens que empreendem por oportunidade são um grupo relativamente pequeno. Eles identificam oportunidades e têm melhores habilidades para sustentá-las.

Para Casado, Siluk e Zampieri (2012), as universidades, como criadoras e disseminadoras de conhecimento, constituem-se em potenciais agentes de práticas de desenvolvimento sustentável e responsabilidade social. O qual se mostra necessário por permitir a unificação de iniciativas hoje isoladas, a busca por financiamento de projetos estratégicos, a definição e implantação da política de empreendedorismo e inovação da instituição, e a consolidação de estrutura administrativa capaz de dar suporte às demandas de ensino, pesquisa e extensão.

2.3 Antecedentes de perfil empreendedor dos estudantes universitários

O modelo de pesquisa elaborado por Kristiansen e Indarti (2004) toma por base uma série de fatores como elementos formadores do potencial empreendedor e os diferencia em três grupos analíticos: 1) demográficos e contexto individual (gênero, idade, contexto educacional,



experiência profissional); 2) personalidade e atitudes (necessidade de realização, locus de controle, eficácia própria); 3) elementos contextuais (acesso à capital, acesso à informação, rede de contatos sociais). A amostra utilizada pelos autores foi constituída por 130 estudantes universitários da *Gadja Mada University (UGM)* em Yogyakarta, na Indonésia e 121 estudantes da *Agder University College (AUC)* em Kristiansand, na Noruega. Em relação aos fatores demográficos e o contexto individual os autores argumentam que inúmeros estudos dão suporte ao fato de que características demográficas como o gênero, a idade e o contexto individual como experiência profissional e nível educacional exercem impacto sobre o comportamento empreendedor.

A pesquisa realizada por Souza *et al.* (2007) teve como objetivo apresentar uma pesquisa desenvolvida em duas Universidades e avaliar a influência do ensino do Empreendedorismo no curso de Administração no potencial empreendedor dos alunos. Através da Análise de Discriminante foi concluído que, o ensino do Empreendedorismo fez muita diferença no espírito empreendedor. Porém, o ensino do Empreendedorismo só despertou o desejo de empreender em quem já tinha condições sociais e culturais favoráveis. A formação de empreendedores, no entanto, é consequência de indutores culturais, sociais, políticos e educacionais.

Com o objetivo de analisar a propensão dos estudantes africanos ao empreendedorismo, Abreu, Abreu e Menut (2012), realizaram um estudo descritivo, levado a termo com 49 estudantes africanos vinculados a UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Com abordagem metodológica quantitativa e utilizando-se do modelo de escala de potencial empreendedor proposto por Santos (2008), por meio de tabulação cruzada, foram utilizados testes para avaliar a significância estatística e a intensidade da associação entre as variáveis, avaliadas pelas estatísticas (X^2) Quiquadrado e V de Cramer, respectivamente. Os resultados mostraram que os estudantes têm propensão ao empreendedorismo.

Buscando analisar o perfil empreendedor do estudante de Administração de uma instituição de ensino privada e a visão discente sobre o ambiente universitário, Iizuka e Moraes (2014), buscaram entender como os alunos, com diferentes perfis e em suas diferentes fases no curso de Administração. A pesquisa indicou que os alunos com potencial e perfil empreendedor são os que avaliaram de maneira positiva o ambiente universitário; ao contrário disso, os alunos com baixo potencial e perfil empreendedor atribuíram uma nota baixa para o ambiente universitário, o autor conclui que o desafio para as instituições de ensino é propiciar um ambiente universitário plural e flexível, tanto quanto possível.

O objetivo do estudo realizado por Rocha e Freitas (2014) foi analisar, por meio de técnicas multivariadas, a aprendizagem do ensino de Empreendedorismo e verificar a alteração do perfil empreendedor entre 407 estudantes universitários participantes e não participantes do processo de formação empreendedora. Os resultados evidenciaram que os estudantes que participaram de atividades educacionais de formação em Empreendedorismo apresentaram alterações significativas no perfil empreendedor. As principais contribuições mostram crescimento nas dimensões Auto realização, Planejador, Inovador e Assume riscos no perfil estudado.

A pesquisa realizada por Meneghetti, *et al.* (2015) teve como objetivo identificar o perfil empreendedor de alunos de diferentes séries do curso de administração, foram 122 alunos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel, Paraná – Brasil, Por meio da análise de correlações (*Pearson*) e das funções de distribuição (*Kruskal-Wallis*), os resultados indicam que o perfil empreendedor dos alunos analisados é o mesmo, independente da série em que ele está matriculado, confirmando resultados anteriores que apontam que questões culturais, valores e outras capacidades podem influenciar no perfil empreendedor.



3 Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se com uma abordagem quantitativa e descritiva. As pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou ainda, o estabelecimento de relações entre as variáveis (Gil, 1996). Apresenta-se como universo da pesquisa o total de 179 alunos matriculados na graduação em Administração de duas Universidades, uma pública e uma privada, localizadas na cidade de Francisco Beltrão – Paraná. Desse universo, não estão presentes os alunos do 1º ano, pois uma das variáveis do estudo, o desempenho acadêmico do aluno, utilizou-se, a partir das notas médias das disciplinas recebidas pelos alunos nos anos anteriores, por isso excluiu-se os alunos iniciantes.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário do tipo auto-aplicável, com objetivo de identificar características empreendedoras predominantes dos acadêmicos do curso de administração. Para as variáveis comportamentais utilizou-se um modelo já validado proposto por Santos (2008). Para as variáveis Sociodemográficas, utilizaram-se questões sobre o perfil dos alunos, baseando-se nas pesquisas de Shapero (1971), Stanworth, *et al.* (1989), Matthews e Moser (1996), Dolabela (1999), Kristiansen e Indarti (2004), Greatti *et al.* (2010) e Casado, Siluk e Zampieri (2012). As características comportamentais e sociodemográficas dos alunos analisadas neste trabalho, são variáveis que estão associadas na literatura ao perfil empreendedor. As variáveis comportamentais, conforme a primeira coluna do Figura 2 presentes no estudo são provenientes da Escala de Potencial Empreendedor proposto por Santos (2008), que desenvolveu uma escala para identificar características ou traços de personalidade empreendedora através da utilização de um questionário contendo frases (itens), agrupadas em construtos e apoiadas por vinhetas ou cenários, relacionadas ao empreendedorismo. A escala foi desenvolvida pelo autor, para aplicação junto a pessoas que ainda não são empreendedores como no caso dos estudantes universitários. Assim o autor apresenta uma média de potencial empreendedor como referência de comparação a partir das médias obtidas por empreendedores, ou seja os empreendedores de sucesso obtiveram uma média de 8,6 para o potencial empreendedor, sendo essa a média de referência.

Para a verificação do perfil empreendedor dos alunos, a partir da literatura, alguns autores sugerem a identificação de variáveis sociodemográficas, conforme a segunda coluna no Figura 2 apresenta-se as variáveis consideradas neste estudo.

Variáveis Comportamentais	Variáveis Sociodemográficas
Oportunidade	Idade
Persistência	Gênero
Eficiência	Estado Civil
Informações	Renda Familiar
Planejamento	Filhos
Metas	Empreendedor na Família
Controle	Moradia
Persuasão	Atual Atividade Profissional
Rede de Relações	Atividade Profissional Futura
Potencial Empreendedor	Desempenho na Graduação

Figura 2. Variáveis

Fonte: Variáveis comportamentais: Adaptado de Santos (2008); Variáveis sociodemográficas: Adaptado de Shapero (1971); Stanworth, *et al.* (1989); Matthews e Moser (1996); Dolabela (1999); Kristiansen e Indarti (2004); Greatti, *et al.* (2010); Casado, Siluk e Zampieri (2012).



Com o instrumento já validado, procedeu-se a aplicação do questionário por acessibilidade e/ou conveniência, sendo aplicado nas salas durante as aulas. Os dados foram coletados no mês de junho de 2016. Do universo de 179 alunos, 125 participaram da pesquisa, porém 117 preencheram corretamente o questionário. Optou-se por não distinguir os alunos por instituição de ensino, pelo fato de que os resultados servirão para uma análise do perfil dos alunos como possíveis agentes do desenvolvimento da região onde estão localizadas as universidades. Para a obtenção dos dados secundários, correspondentes ao desempenho acadêmico dos alunos, realizou-se pesquisa documental. As médias das notas foram coletadas junto às secretarias acadêmicas de cada instituição, mediante autorização prévia pelos coordenadores dos cursos e autorização escrita dos alunos participantes. Após a coleta dos dados, os mesmos foram lançados para análise estatística no *Software Statistical Package for the Social Science* (SPSS). Para verificar o perfil empreendedor dos discentes realizou-se análise de Conglomerados (*Clusters*) nos métodos Hierárquico e não Hierárquico.

4 Apresentação e análise dos resultados

Inicialmente realizou-se a análise de cluster pelo método hierárquico, para verificar se existiam grupos com comportamentos semelhantes entre os alunos. Este método indica a ordem de agregação (estágios) dos alunos nos respectivos *clusters*, através do método Centróide, que segundo Fávero, *et al.* (2009), este método identifica os grupos separados pela menor distância entre os pontos mais próximos e os coloca no mesmo agrupamento, é um método mais robusto para as observações atípicas. Na Tabela 1 consta o resultado do esquema de aglomeração (*Agglomerations Schedule*), como critério para encontrar o número de *cluster*, para se afirmar com maior segurança.

Observa-se o número de agrupamentos pela maior diferença entre os coeficientes. Segundo Favero, *et al.* (2009, p. 215), “o estágio anterior a esse salto indica o ponto de parada para novos agrupamentos”. Visualiza-se que a Distância Euclidiana Quadrada e Vínculo entre grupos, apontou para a solução sugerida de 3 clusters. Como pode ser observado apresenta-se a maior diferença nos resultados dos Coeficientes entre os Estágios 114 e 115.

Tabela 1
Esquema de aglomeração

Etapa	Cluster Combinado		Coeficientes	Aglomerado primeira fase		Próximo Estágio
	Cluster 1	Cluster 2		Cluster 1	Cluster 2	
1	40	69	3.119	0	0	18
2	36	94	4.040	0	0	13
3	75	105	4.505	0	0	68
4	63	101	4.946	0	0	11
...
112	1	65	36.113	111	0	113
113	1	73	36.581	112	0	114
114	1	13	48.719	113	0	116
115	2	35	52.739	103	107	116
116	1	2	55.146	114	115	0

Nota. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Após identificar o número de *clusters* formados, realizou-se as análises através do método de análise de *Cluster* não Hierárquicos, que conforme Favero, *et al.* (2009) esses



procedimentos são utilizados com o objetivo de encontrar diretamente uma participação de n elementos em K grupos (*clusters*), de modo que a participação satisfaça dois requisitos básicos: ‘coesão’ interna (ou semelhança interna) e isolamento (ou separação) dos *clusters* formados. Com base nos valores de F e da significância, nota-se que algumas não foram relevantes. Utilizou-se o método não Hierárquico *K-means*, que para Favero, *et al.* (2009, p. 219) é “frequentemente utilizado com o intuito de verificar se as variáveis adotadas no procedimento Hierárquico são estatisticamente significantes para a formação daqueles K *cluster* obtidos”.

Conforme a Tabela 2, o resultado apontou a existência do *Cluster 1* formado por 55 indivíduos, do *Cluster 2* formado por 8 indivíduos e do *Cluster 3* com 54 indivíduos.

Tabela 2
Número de casos em cada Cluster

Number of cases in each Cluster- Número de casos em cada Cluster	
Cluster 1	55,000
Cluster 2	8,000
Cluster 3	54,000
Válido	117,000
Ausência de	,000

Nota. Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Na Tabela 3 apresenta-se a análise de variância (ANOVA) dos clusters. Nessa tabela é possível observar, as variáveis permitem a separação dos clusters, observando o resultado da significância do modelo proposto por meio do *sig.* $F=0,000 < 0,05$.

Tabela 3
Análise de variância – ANOVA

Variáveis	Cluster		Erro		F	Sig.
	Média quad.	df	Média quad.	Df		
Desempenho na Graduação	,364	2	1,011	114	,360	,698
Oportunidade	15,645	2	,743	114	21,055	,000
Persistência	26,985	2	,544	114	49,594	,000
Eficiência	22,899	2	,616	114	37,186	,000
Informações	16,851	2	,722	114	23,342	,000
Planejamento	8,968	2	,860	114	10,426	,000
Metas	20,264	2	,662	114	30,610	,000
Controle	9,100	2	,858	114	10,608	,000
Persuasão	16,579	2	,727	114	22,815	,000
Rede de Relações	12,907	2	,791	114	16,315	,000
Idade	23,141	2	,612	114	37,839	,000
Gênero	1,147	2	,997	114	1,146	,322
Estado Civil	15,645	2	,743	114	21,055	,000
Renda Familiar	,680	2	1,006	114	,676	,511
Filhos	41,510	2	,285	114	143,489	,000
Empreendedor na Família	,677	2	1,006	114	,673	,512
Moradia	4,584	2	,937	114	4,892	,009
Atual Atividade Profissional	3,564	2	,955	114	3,732	,027
Atividade Profissional Futura	,236	2	1,013	114	,233	,792
Potencial Empreendedor	23,333	2	,608	114	38,365	,000

Nota. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Com base nos valores de F e da significância, nota-se que algumas variáveis como o desempenho na graduação, o gênero, renda familiar, empreendedor na família e atividade profissional futura não foram relevantes para a formação dos *clusters*. Constata-se que o



desempenho acadêmico que corresponde ao grau de conhecimento e desenvolvimento de habilidades em um determinado nível educacional de um determinado indivíduo, com significância de 0,698, não distingue o perfil empreendedor dos alunos. Neste mesmo sentido, a variável Gênero também não mostrou-se relevante para este estudo, com sig. de 0,322. O gênero, em outros estudos, como os de Matthews e Moser (1996), Jonathan (2003), Machado (2003), Silveira e Gouvêia (2008), esta característica mostra-se como relevante, com diferenças significativas, em relação ao perfil empreendedor entre homens e mulheres.

Ainda, destaca-se outra variável com pouca relevância nessa pesquisa, como a renda familiar, com significância de 0,511, não distinguindo os alunos com perfil empreendedor. Ainda discutindo sobre as variáveis com pouca relevância, apresenta-se a variável empreendedor na família, com significância de 0,512, que vai em sentido oposto à alguns autores que apresentam a questão de possuir alguém na família como exemplo de empreendedorismo, contribui para a formação do perfil empreendedor, como Matthews e Moser (1996) que revelam, que a existência na família de pessoas que possuem negócios, em particular, a atividade exercida pelo pai e pela mãe é considerada chave na opção pelo negócio próprio, porém não foi relevante para a formação do perfil. A atividade profissional futura, obteve significância de 0,792, e também não foi relevante neste estudo.

Com a baixa relevância dessas variáveis, as mesmas foram retiradas e com isso destacou-se apenas as variáveis com relevância. Conforme Tabela 3 as variáveis em ordem de maior relevância na formação dos *clusters* foram, a partir do resultado na coluna F: filhos, persistência, potencial empreendedor, idade, eficiência, metas, informações, persuasão, estado civil, oportunidade, rede de relações, controle, planejamento, moradia e atual atividade profissional.

Nesta dimensão, a fim de verificar os perfis, a Tabela 4, apresenta a distância final entre os centroides dos *clusters*, esta tabela permite identificar e avaliar os *clusters*.

No *cluster 1* todas as variáveis apresentam sinal negativo, ao contrário do *cluster 3*, onde as variáveis apresentam sinal positivo. Este fato, segundo Favero, *et al.* (2009) permite que sejam feitas as interpretações dos agrupamentos formados, possibilitando a descrição dos perfis encontrados em cada grupo.

Tabela 4
Centroides finais

Variáveis	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
Oportunidade	-,34017	-,25059	,8712
Persistência	-,55557	-1,05246	,72178
Eficiência	-,60659	-,37202	,67294
Informações	-,53610	-,17377	,57177
Planejamento	-,38302	-,20340	,42025
Metas	-,54211	-,56389	,63569
Controle	-,36208	-,38601	,42025
Persuasão	-,52660	-,22315	,56941
Rede de Relações	-,47315	-,11011	,49822
Idade	-,25333	2,30164	,08296
Estado Civil	-,34017	1,75059	,08712
Filhos	-,32076	-3,09095	,13122
Moradia	-,27255	,64031	,18273
Atual Atividade Profissional	-,25365	,00418	,25777
Potencial Empreendedor	-,58471	-,58471	,68216

Nota. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.



Observa-se então a diferença dos perfis empreendedores entre os 3 *clusters* formados. O *cluster* 1, grupo com maior concentração de alunos, os mesmos obtiveram pontuações baixas na maioria das características comportamentais, apresenta-se a características eficiência (-0,60659), persistência (-0,55557) e metas (-0,54211) como as características de menores pontuações entre esse grupo de alunos, e todas as demais também apresentaram resultados inferiores neste *cluster*. Observa-se também que o *cluster* 1, obteve as menores médias do potencial empreendedor com centroide de (0,58471), baseando-se no modelo proposto por Santos (2009), esses alunos obtiveram médias abaixo das notas obtidas por empreendedores de sucesso em todas as características comportamentais, e conseqüentemente no potencial empreendedor. Essas características comportamentais, as quais os alunos obtiveram pontuações baixas neste *cluster*,

Nas características sociodemográficas, conforme o Quadro 4, no *cluster* 1 as idades, que apresentaram-se como uma característica importante para a separação dos *clusters*, com centroide final de (-0,2533) variaram entre 18 e 23 anos, mostrando que as idades estão bem distribuídas, na distinção entre os três grupos. E que neste *cluster* predominam os alunos mais jovens. Em outras pesquisas, como a realizada por Shapero (1971), além das variáveis comportamentais, os elementos de natureza sociodemográfica, como a idade, formam a intenção empreendedora que influencia na criação de novas empresas. Ao analisar outras características predominantes, verifica-se o estado civil com centroide de (-0,34017) sendo que o resultado evidenciou que estes alunos são solteiros. Na característica filhos com centroide de (-0,32076) apresenta-se que estes alunos são sem filhos. Na característica moradia com centroide de (-0,27255) se evidenciou que estes alunos moram com os pais. Ao visualizar a característica atual atividade profissional, com centroide de (0,25365) identifica-se que estes alunos e trabalham como colaboradores em empresa privada.

Verifica-se que o *cluster* 2 também não obteve um potencial empreendedor considerável, e as características comportamentais que apresentam médias baixas, conforme a tabela 4, foram a “persistência” com centroide final de (-1,05246), seguido da característica “metas” com centroide final de (-0,56389), e a característica “controle” também mostrou-se com baixas médias com centroide final de (-0,38601). Esse grupo obteve pontuação mediana na maioria das características, muito embora, as pontuações ficaram abaixo da média considerada por Santos (2008) em seu modelo. Resultando em um baixo potencial empreendedor deste grupo, onde o potencial apresentou um centroide de (-0,58471).

Ao analisar as características sociodemográficas do *cluster* 2, conforme a Figura 4, entre as principais características que distinguem esse grupo: têm filhos, são casados e moram com o conjugue ou parceiro (a). A idade também pode distingui-los, pois neste grupo se encontram os alunos com idade mais elevada, entre 23 e 58 anos com centroide de (2,30164). O que evidencia que a idade elevada não contribuiu para o perfil empreendedor desses alunos. A atual atuação profissional ficou semelhante nos três grupos, onde a maioria dos alunos trabalha como colaboradores em empresas privadas.

Ao verificar o *cluster* 3, notadamente, percebe-se que este obteve um potencial empreendedor mais satisfatório com centroide de (0,68216), e que as características empreendedoras foram pontuadas com os maiores índices por esses alunos. As características comportamentais mais relevantes foram, conforme a Tabela 4, a “oportunidade” com o valor do centroide final de (0,87120), seguido da “persistência” com centroide final de (0,72178), “eficiência” com centroide final de (0,67294), e “metas” com centroide final de (0,63569), informações com centroide final de (0,57177), todas as demais características apresentaram-se com altas pontuações neste *cluster*. Estas características são consideradas por McClelland (1961) como fatores essenciais para o crescimento econômico dos indivíduos e contribuem para explicar a aparente indiferença de muitos e a sensibilidade de poucos para oportunidades



econômicas que se apresentam no ambiente. Assim este *cluster* destaca-se em todas as características comportamentais em relação aos demais. Nas características sociodemográficas, conforme a Figura 4, o *cluster 3* apresenta-se com idades que variam entre 18 e 33 anos, evidenciando uma distribuição significativa entre as idades. Na característica estado civil, estes alunos são predominantemente solteiros. Outra característica que também ficou evidente neste *cluster* é que esses alunos são sem filhos e moram com os pais.

Nesta perspectiva verifica-se que o *cluster 3* grupo concentrou-se os alunos com o melhor potencial empreendedor cursando a graduação em Administração nas Universidades pesquisadas. Compreender o perfil empreendedor no jovem demanda identificar as características do entorno onde este jovem vive que afetam favoravelmente a intenção empreendedora (Kristiansen & Indarti, 2004). Nesta perspectiva visualiza na Figura 3 o resultado dos perfis encontrados junto aos alunos pesquisados,

<i>CLUSTER 1</i>	<i>CLUSTER 2</i>	<i>CLUSTER 3</i>
PERFIL	PERFIL	PERFIL
CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS:	CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS:	CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS:
Oportunidade, Persistência, Eficiência, Informações, Planejamento; Metas; Controle; Persuasão, Rede de Relações: Pontuação baixa.	Oportunidade, Persistência, Eficiência, Informações, Planejamento; Metas; Controle; Persuasão, Rede de Relações: Pontuação baixa.	Oportunidade, Persistência, Eficiência, Informações, Planejamento; Metas; Controle; Persuasão, Rede de Relações: Pontuação alta.
CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS:	CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS:	CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS:
Idades: de 18 à 23 anos;	Idades: de 23 à 58 anos;	Idades: de 18 à 33 anos;
Estado Civil: Solteiros;	Estado Civil: Casados;	Estado Civil: Solteiros;
Filhos: Sem filhos;	Filhos: Com filhos;	Filhos: Sem filhos;
Moradia: Moram com os pais;	Moradia: Moram com conjuge ou parceiro (a);	Moradia: Moram com os pais;
Atual atividade Profissional: Trabalham como colaboradores em empresa privada;	Atual atividade Profissional: Trabalham como colaboradores em empresa privada;	Atual atividade Profissional: Trabalham como colaboradores em empresa privada;
Potencial Empreendedor: Baixo potencial empreendedor (valores de potencial empreendedor <8,6) (índice proposto por Santos, 2008)	Potencial Empreendedor: Baixo potencial empreendedor (valores de potencial empreendedor <8,6) (índice proposto por Santos, 2008)	Potencial Empreendedor: Alto potencial empreendedor (valores de potencial empreendedor >8,6) (índice proposto por Santos, 2008)

Figura 3: Resultado do perfil empreendedor dos alunos
Dados da pesquisa, 2016.

Ao observarmos os resultados da pesquisa na Figura 3, verifica-se que a maioria dos alunos pesquisados possuem um baixo potencial empreendedor, onde o *cluster 1* e *2* que apresentaram estes resultados representam 53% dos alunos pesquisados, esse valor apresenta-se superior aos demais achados. Ao compararmos os resultados encontrados por Iizuka e Moraes (2014), os autores constataram que em torno de 25% dos alunos pesquisados não



possuíam potencial empreendedor. Os autores salientam também que os alunos que não querem empreender, por qualquer motivo, não podem ser ignorados pelas universidades.

As implicações para a instituição de ensino baseada nessas constatações são: o empreendedorismo não pode ser visto como algo necessário e útil a todos os alunos; uma possível revisão da grade curricular e melhoria das disciplinas devem contemplar uma educação empreendedora. O resultado na pesquisa demonstra, a necessidade de repensar a didática do ensino do empreendedorismo na instituições pesquisadas. A importância do ensino do empreendedorismo no curso de administração também ficou evidenciada nos achados de Sousa, *et al.* (2007), onde 62,4% dos alunos pesquisados pretendiam montar seu próprio negócio e, destes 69,1% já haviam cursado matérias sobre Empreendedorismo, evidenciando a existência de um paralelo importante sobre matérias de Empreendedorismo e o desejo de empreender e que a formação de empreendedores, no entanto, é consequência de indutores culturais, sociais, políticos e educacionais.

5 Considerações finais

Como visto, das várias funções realizadas pelas universidades na sociedade atual, a que mais se destaca é a qualificação dos discentes para a prática de uma atividade profissional, que, por sua vez, deve satisfazer as demandas do capital humano requerido pelo setor produtivo, a fim de contribuir para o bem-estar socioeconômico e o desenvolvimento sustentável da região. (Lanero, *et al.*, 2011). Assim sendo, Schumpeter (1982) e Drucker (1996) afirmam que os empreendedores são fundamentais para o desenvolvimento de um país, já que estes impulsionam a economia através da inovação.

Mediante as colocações da pesquisa, pode se dizer que objetivo de verificar o perfil empreendedor dos alunos da graduação em administração de duas Instituições de Ensino Superior da cidade de Francisco Beltrão – Paraná, foi alcançado, pois o método utilizado permitiu distinguir diferentes grupos de alunos e, assim, validar o perfil empreendedor dos mesmos. Onde, o *Cluster 3*, mais se destacou, pois concentrou as altas pontuações nas características empreendedoras. As características comportamentais mais relevantes foram, “oportunidade”, “persistência”, “eficiência”, as quais, os alunos com potencial empreendedor obtiveram as maiores pontuações.

Após análise, pode-se identificar as variáveis que tiveram em ordem, maior relevância para a formação dos *clusters*, foram: filhos, persistência, potencial empreendedor, idade, eficiência, metas, informações, persuasão, estado civil, oportunidade, rede de relações, controle, planejamento, moradia e atual atividade profissional.

Verificou-se também que levando em conta os demais *clusters* a maioria dos alunos pesquisados possuem um baixo potencial empreendedor, onde o *cluster 1 e 2*, que apresentaram estes resultados, representam 53% dos alunos pesquisados. Esses resultados mostram a necessidade de repensar as metodologias utilizadas pelas Universidades estudadas, as quais podem adotar metodologias que estimulem de maneira mais eficiente o desenvolvimento da cultura empreendedora.

Entende-se deste modo que o momento atual contempla um cenário mundial de transformações, apresentando novos desafios e oportunidades para as pessoas, para as organizações e para a sociedade, o empreendedorismo pode ser visto como uma opção promissora de inserção de trabalho e desenvolvimento profissional. As instituições precisam criar uma cultura e programas que possibilitem tornar o empreendedorismo acessível aos alunos.

As conclusões apresentadas geram conhecimento relevante para os gestores de cursos das instituições de ensino pesquisadas, para que busquem promover a atividade empreendedora



na medida em que possam viabilizar um melhor direcionamento no processo de formação, visando melhor desempenho profissional dos futuros administradores.

Com relação as limitações do estudo, destaca-se o fato de que aplicou-se a pesquisa em um único momento, e que por isso não pode ser generalizada, uma vez que o perfil empreendedor sofre influências constantes do ambiente. Assim, como recomendação para novas pesquisas, acredita-se que seria relevante uma replicação em diferentes momentos e também recomenda-se ainda que este trabalho seja replicado em outros cursos e em outras instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

Abreu, N. R., Abreu, H. J. & Menut, A. Z. (2012). Propensão dos estudantes africanos da UFAL ao empreendedorismo. *Revista de Negócios*, 17 (4), 3-17.

Barreto, L. P. (1999). Empreendedorismo. *Revista Baiana de Tecnologia*, 14 (13), 131-139.

Bulgacov, Y. L. M. *et al.* (2011). Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou fuga da exclusão. *Revista de administração Pública*. 45 (3), 695-720.

Casado, F. L., Siluk, J. C. M. & Zampieri, N. L. V. (2012). Universidade empreendedora e desenvolvimento regional sustentável: proposta de um modelo. *Revista de Administração da UFSC*, 5 (edição especial), 633-650.

Coto, G. C., Moretto, N. L. & Pacheco, A. S. (2009). Criatividade dentro da Educação: um estudo de caso do Curso de Administração da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista de Ciências da Administração*, 11 (24), 221-245.

Dolabela, F. (1999). *Segredo de Luiza* (1 ed.). São Paulo: Cultura.

Drucker, P. (1996). *Administrando para o futuro*. (1 ed.). São Paulo: Pioneira.

Fávero, L. P., *et al.* (2009). *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, 34 (2), 5-28.

Filion, L. J. & Lima, E. (2009). As representações empreendedoras: um tema essencial, mas ainda negligenciado. *Revista de Negócios*, v. 14 (2), 89-107.

Frese, M. & Rauch, A. (2002). The psychology of entrepreneurship. In: BALTES, P.B.; SMELSER, N.J. (Eds.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. (Vol. 1, pp 4552-4556). Elsevier Science.

Gil, A. C. (1996). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (3 ed.). São Paulo: Atlas.



Golveia, V., et al. (2010). Valores, metas de realização e desempenho acadêmico: proposta de um modelo explicativo. *Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar educacional*, 14 (2), 323-331.

Greatti, L., et al. (2010, janeiro). Aprendizagem em Empreendedorismo dos Acadêmicos do Curso de Administração de uma Universidade Estadual no Sul do Brasil. Anais do XXXIV ENANPAD, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Iizuka, E. S. & Moraes, G. H. S. M. (2014). Análise do potencial e perfil empreendedor do estudante de Administração e o ambiente universitário: reflexões para instituições de ensino. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 15 (3), 593-630.

Jonathan, E. G. (2003). Empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências. Anais do encontro de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas, Brasília, DF., Brasil.

Kristiansen, S. & Indarti, N. (2004). Entrepreneurial intention among Indonesia and Norwegian students. *Journal of Entreprising Culture*, 12 (1), 55-78.

Krueger JR., N. F. & Brazeal, D. V. (1994). Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18 (3), 91-104.

Lanero, A., et al. (2011). The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. *International Review on Public and Non-Profit Marketing*, 8 (2), 111-130.

Lili, Z. (2011). Comparative study of China and USA's colleges entrepreneurship education from an international perspective. *Journal of Chinese Entrepreneurship*, 3 (3), 185-194.

Matthews, C. H. & Moser, S. B. (1996). A longitudinal Investigation of the impact of family background and gender on interest in small firm ownership. *Journal of Small Business Management*, 34 (2), 29-43.

Machado, H. P. V., et al. (2003). O processo de criação de empresas por mulheres, [versão eletrônica] *RAE-Eletrônica*, v. 2 (2), 6-20. Recuperado em 25 de abril, 2016 de <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n2/v2n2a07.pdf>>.

Mcclelland, D. (1961). *The achieving society*. New York: VanNostrand.

Meneghatti, M. R., et al. (2015). Perfil empreendedor: uma análise a partir de alunos do curso de administração. *RECC -Revista Eletrônica Científica do CRA-PR*. 2 (2). 48-58. Recuperado em 10 de maio, 2016 de <<http://recc.cra-pr.org.br/index.php/recc/article/view/22>>.

Mueller, S. L. & Goić, S. (2002). Entrepreneurial potential in transition economies: a view from tomorrow's leaders. *Journal of Developmental Entrepreneurship*. 7 (4), 339-414.



V SINGEP

Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade

International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

PARENTE, C., *et al.* (2011). Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. Anais do Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização, Lisboa, Portugal. 14.

Rocha, E. L. & Freitas, A. A. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista Administração Contemporânea*, 18 (4), 465-486.

Santos, P. (2008). Uma escala para identificar potencial empreendedor. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91191/247610.pdf?sequence=1>>.

Schumpeter, J. A. (1982). Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural.

Shapero, A. (1971). An action program for entrepreneurship. Multi-disciplinary Research Inc. Austin, Texas.

Silveira, A. & Gouvêia, A. B. (2008). Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. *FACES R. Adm.*, 7 (3), 124-138.

Souza N. S. P., *et al.* (2007). A Influência do Ensino do Empreendedorismo no Potencial Empreendedor do Aluno. Anais do EnEPQ, Anpad, Recife. 1.

Stanworth, J., *et al.* (1989). Who becomes an entrepreneur? *International Small Business Journal*, 8 (1), 11-22.

Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. *RAC*, v. 18 (6), 874-891.